

# “Há de viver sempre o mais forte”: a representação da exploração do trabalho em Torto Arado

## *“The strongest will always live”: the representation of labor exploration in Torto Arado*

Artigo recebido em 20/07/2023 e aprovado em 28/08/2023.

### Eulália Emília Pinho Camurça

Doutora em Direito Constitucional pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal do Ceará. Mestre em Direito pela Universidade Federal do Ceará, possui graduação em Comunicação Social, pela Universidade Federal do Ceará, e em Direito, pela Universidade de Fortaleza. Professora adjunta da Universidade Federal do Ceará.

### Paulo Rogério Marques de Carvalho

Doutor em Ciências Jurídico-Políticas pela Universidade de Lisboa com estágio doutoral na Facoltà di Giurisprudenzadella Università Roma (Sapienza). Mestre e bacharel, com magna cum laude, em Direito pela Universidade Federal do Ceará. Professor adjunto de Legislação Trabalhista e Previdenciária da Universidade Federal do Ceará.

### Resumo

Este estudo tem o objetivo de analisar a representação do trabalho na obra Torto Arado, de Itamar Vieira Júnior, buscando compreender as contribuições para o entendimento das explorações do trabalho na contemporaneidade. A metodologia utilizada é a jurídico-literária, que explora a interdisciplinaridade entre o direito e a literatura. O artigo investiga a relação entre o trabalho e a escravidão, destacando como a obra retrata a persistência de estruturas opressivas e a falta de direitos dos trabalhadores, refletindo a herança escravista que ainda permeia o contexto rural brasileiro. O autor evidencia a exploração do trabalho, a falta de remuneração e de direitos trabalhistas, bem como a resistência dos trabalhadores. Os principais resultados revelam que o trabalho é retratado como força moldadora de identidades e como fator determinante na construção social e econômica de comunidades rurais. A obra convida à reflexão sobre a condição humana em contextos sociais adversos, a necessidade de lutas e transformações para a conquista de direitos e valorização do trabalho. Em conclusão, a representação do trabalho em Torto Arado contribui para a compreensão das desigualdades e explorações do trabalho na contemporaneidade, evidenciando a persistência de estruturas opressivas e a importância da conscientização coletiva na busca por mudanças sociais.

**Palavras-chaves:** direito; obra literária; exploração; liberdade de exercício de trabalho.

### Abstract

*This study aims to analyze the representation of work in Torto Arado, by Itamar Vieira Júnior, seeking to understand the contributions to the understanding of explorations of work in contemporary times. The methodology used is the legal-literary one, which explores the interdisciplinarity between Law and Literature. The article investigates the relationship between work and slavery, highlighting how the work portrays the persistence of oppressive structures and the lack of workers' rights, reflecting the slavery heritage that still permeates the Brazilian rural context. The author highlights the exploitation of work, the lack of remuneration and labor rights, as well as the resistance of workers. The main results reveal that work is portrayed as a force that molds identities and as a determining factor in the social and economic construction of rural communities. The work invites reflection on the human condition in adverse social contexts, the need for struggles and transformations in order to gain rights and value work. In conclusion, the representation of work in Torto*

*Arado contributes to the understanding of inequalities and exploitation of work in contemporary times, highlighting the persistence of oppressive structures and the importance of collective awareness in the search for social change.*

*Keywords: law; literary work; exploration; freedom to exercise work.*

## 1 Introdução

A arte é uma das formas mais sutis para acessar a rigidez jurídica. Assim, a literatura é capaz de tornar ainda mais sofisticada a forma como se concebe a compreensão de problemas da contemporaneidade. Por meio das narrativas, é possível colocar-se na pele dos outros, sofrer a dor ou celebrar conquistas.

Ante a importância o diálogo entre a literatura e o direito, surge a pergunta de partida deste estudo: como o texto de Itamar Vieira, que remete a um passado historicamente distante do Brasil, contribui para pensar as explorações do trabalho na contemporaneidade? Para compor possíveis respostas para essa questão, traçaram-se alguns caminhos.

O primeiro percurso é entender a composição da interdisciplinaridade entre direito e literatura. No segundo momento, desvela-se o contexto do concebimento do livro e a forma como foi construído e escrito por Itamar. Por fim, delineiam-se conexões entre a categoria do trabalho na obra para, por fim, estabelecem-se premissas sobre a escravidão no livro.

O estudo se justifica não apenas diante da importância da obra para a literatura brasileira, mas pela forma como ela estimula diversas análises sobre as questões atinentes à história do Brasil que teimam em se repetir, como a exploração do trabalho análogo à escravidão.

O artigo utiliza-se da metodologia jurídico-literária. Para a realização deste estudo, torna-se pertinente uma reflexão sobre as relações possíveis entre o direito e a literatura. François Ost (2017, p. 261) entende a literatura não apenas como um repositório de exemplos para ilustrar teses no direito e destaca a necessidade de se interpelar o texto por meio de imaginários próprios analisando-os seriamente dentro da intertextualidade literária e não apenas dirigir questões de juristas a ele. Isto é o que chama de “condição de entrada indispensável pela prática interdisciplinar” no sentido de aproximar dois imaginários e práticas e não somente duas ciências.

As convergências entre as áreas de conhecimento são múltiplas, como adianta Ost (2017), inclusive pelo fato de que grandes escritores também foram juristas e de que tanto o direito quanto a literatura são atravessados pela narratividade. Ademais, a literatura tem a capacidade de esclarecer, por meio de áreas como antropologia e sociologia jurídica, contextos humanos e sociais, além de fundamentação ética e filosófica.

Neste sentido, alerta: “Nosso interesse pela narrativa não deve jamais adormecer nossa vigilância crítica; precisamente porque seu papel é decisivo, as narrativas são suscetíveis ao melhor e ao pior” (OST, 2017, p. 16).

Seligmann-Silva (2012, p. 12) entende a interdisciplinaridade como uma espécie de imperativo metodológico que contribui para superar lacunas de conhecimento produzido pelos saberes em que prevalecem concepções positivistas e “especialmente no âmbito das áreas de conhecimento que ocupam o pretense cume dos saberes sérios e solenes, como é o caso do direito”.

Ao analisar as perspectivas e as potencialidades entre as duas áreas de conhecimento, Correia e Gama (2022, p. 33) destacam que há juristas que percebem conexão com outros saberes com desconfiança. Para os estudiosos, o fato de ser bom leitor não é suficiente *paratornarum* jurista melhor ou mais sensível. “A experiência artística não é um instrumento, uma ferramenta da qual se pode manejar para criar sujeitos melhores, como se fosse possível transpor determinadas competências éticas pela simples leitura de um livro ou contemplação de uma escultura.” Os autores compreendem que pensar o direito a partir da arte é uma forma de entendê-lo como um processo com resultado desconhecido e inusitado.

Mas esta jornada não é um caminho fácil, como adverte Mendonça (2020, p. 5). Para o autor, por ser menos complexa, a pesquisa interdisciplinar realiza algo mais tangível ao praticar o diálogo horizontal entre as disciplinas, porém, a análise do direito a partir da literatura jamais pode ser considerada tarefa fácil.” E acrescenta:

O direito na literatura tem a ver com a abordagem literária do fenômeno jurídico, com o que pensa a Literatura a propósito do Direito. Reside, pois, na análise de obras ficcionais que versem sobre matéria judicial. O sistema jurídico é retratado como um microcosmo da sociedade, por meio de temas que interessam tanto a juristas quanto a leigos.

Warat (2004), criador de nova abordagem epistemológica diante do senso comum teórico dos juristas advindo da dogmática, considerava ser possível restaurar o sagrado do direito a partir das manifestações artísticas. Entusiasta da linguagem, entendia os homens como seres de ilusão e criou a máxima contrapondo-se ao positivismo de Descartes ao deliberar que a existência está atrelada não ao pensamento, mas à ilusão.

Ao partir do pensamento waratiano para analisar a intersecção entre o direito e a literatura, Pêpe (2019, p. 3), destaca como a prática jurídica cotidiana pode ser “atravessada por novas narrativas, assimiláveis nos processos reflexivos das autonomias, das singularidades e das alteridades, tão necessários em um cotidiano cada vez mais judicializado”. Os debates entre os dois campos são fontes para a leitura da obra que se fará a seguir.

## 2 O arado literário e a representação do trabalho em Torto Arado

A narrativa de Itamar Vieira Júnior é resultado de um jogo de diversos encontros e vivências. O escritor, que precisou trabalhar como empacotador de supermercado e balconista de farmácia ganhou bolsa para estudar, orgulha-se de fazer parte de uma diversidade de autores brasileiros, que representam a diversidade de “escritores negros de diversas origens, matizes” (2021, *online*).

Geógrafo e servidor público do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, Incra, o autor passou muito tempo a coletar histórias de trabalhadores rurais, que provocaram, inclusive, inquietação acadêmica. Em 2017, defendeu a tese “*Trabalhar é tá na luta: vida, morada e movimento entre o povo luna*” na Universidade Federal da Bahia, UFBA, em que estudou sobre as formações de comunidades quilombolas. Na época da escrita da tese, várias inquietações acompanharam Itamar (2023, *online*), inclusive se as histórias das vidas estudadas poderiam ser contadas por meio de um romance:

Naquele momento, refleti, que um texto acadêmico seria sempre um texto datado, sempre teria um “prazo de validade” – com raras exceções. Seria um texto seletivo, incapaz de atingir todo e qualquer público, por mais que me esforçasse em fazê-lo dessa forma. A própria dinâmica da ciência estimula redefinições, validações e superações a partir de Novos métodos baseados no escopo teórico próprio de seu tempo. Talvez por isso pareça prescindir de vida sob um olhar mais superficial. Diante desse Dilema, percebi que desejava, embora não pudesse materializar esse desejo porque essa não era a proposta, transformar aquele texto numa narrativa literária. Por mais que me esforçasse – e acho que de alguma forma levei a literatura para a linguagem rígida das ciências – aquela narrativa nunca teria o movimento que almejava: o movimento da arte literária que melhor assimila o movimento da vida.

Autor de cinco livros, consagrou-se nacionalmente com *Torto Arado*, livro publicado inicialmente em Portugal pelo fato de ter vencido o prêmio LeYa (2018) por unanimidade. Na divulgação da seleção, justificou-se que atribuição do prêmio se deu: “pela solidez da construção, o equilíbrio da narrativa e a forma como aborda o universo rural do Brasil, colocando ênfase nas figuras femininas, na sua liberdade e na violência exercida sobre o corpo num contexto dominado pela sociedade patriarcal”.

Um acidente, dois horizontes de entendimento. Assim Itamar organiza o argumento do livro contado por Bibiana e Belonísia, duas irmãs marcadas por uma vida de ausências e exclusões. Fagundes e Pereira (2022, p. 61) destacam como as irmãs percebem o mundo de forma diferente e se comunicam por meio de sutilezas existenciais: “duas leituras distintas do acidente, destacando como duas pessoas, ao presenciar o mesmo evento, são capazes de perceber aspectos distintos e tirar diferentes conclusões. Cada uma das personagens apresenta o evento a partir de sua própria perspectiva”.

O trabalho emerge como uma categoria central de representação na obra, tecendo uma teia intrincada que conecta as experiências e trajetórias dos personagens ao longo da narrativa. O autor mergulha nas complexidades das relações de trabalho no contexto rural do sertão brasileiro, explorando as nuances e as desigualdades que permeiam essa realidade. Bibiana e Belonísia crescem sob a opressão do trabalho árduo na fazenda onde vivem. Assim, *Torto Arado* evidencia o trabalho como uma força moldadora de identidades e como um fator determinante na construção social e econômica das comunidades rurais. A categoria do trabalho é retratada não apenas como

uma atividade desgastante, mas também como um legado transmitido de geração em geração, que reflete as marcas da exploração, da luta pela sobrevivência e da resistência.

Assim, *Torto Arado* nos convida a refletir sobre a centralidade do trabalho na vida dos personagens e nos convida a uma reflexão mais ampla sobre a condição humana em contextos sociais adversos.

No cenário inicial da narrativa, é apresentada a Fazenda Água Negra, uma típica propriedade rural do sertão brasileiro, onde se desenrolam os eventos centrais da trama. Nessa fazenda, a administração está sob a responsabilidade da família Peixoto, enquanto o trabalho é realizado pelos ajudantes e trabalhadores locais. No entanto, o sistema de contratação adotado nesse ambiente reflete uma relação feudalista, na qual os trabalhadores oferecem sua mão de obra em troca de um pedaço de terra para morar. Nesse arranjo, não há pagamento de salários nem concessão de direitos trabalhistas, configurando uma situação de trabalho precário e análogo à servidão. Além disso, as famílias que residem na fazenda são restritas a construir casas de barro, sujeitas à remoção caso sejam expulsas da propriedade:

Que usura! Eles ficam com o dinheiro da colheita do arroz e da cana. Poderiam muito bem compra batata e feijão no armazém da cidade. Nós é que não conseguimos comprar nada. Nós é que não conseguimos comprar nada, a não ser quando vendíamos nossa massa do buriti e azeite de dendê, escapulindo dos limites da fazenda sem chamar atenção. (VIEIRA JÚNIOR, 2018, p. 45).

Mas ali, nos limites da fazenda, sob o domínio da família Peixoto – quase não colocava os pés por lá, a não ser para dar ordens, pagar ao gerente e dizer que não poderíamos fazer casa de tijolo. (VIEIRA JÚNIOR, 2018, p. 86).

Então vocês trabalham nas minhas roças e, com o tempo que sobrar, cuidam do que é de vocês. Ah, mas não pode construir casa de tijolo, nem colocar telha de cerâmica. Vocês são trabalhadores, não podem ter casa igual a dono. Podem ir embora quando quiserem, mas pensem bem, está difícil morada em outro canto. (VIEIRA JÚNIOR, 2018, p. 205).

Uma das questões trabalhistas abordadas na obra é o trabalho infantil. As crianças que vivem na fazenda Água Negra são obrigadas a participar das atividades agrícolas, como espantar pássaros das plantações de arroz. Essa exploração laboral viola os direitos fundamentais dessas crianças, privando-as de uma infância plena e acesso à educação adequada. A presença do trabalho infantil na fazenda Água Negra evidencia a desproteção social e a falta de fiscalização adequada das autoridades competentes.

Você tem os meninos, isso é de ajuda. Tem uns passarinhos pretos miudinho assim” mostrava as falanges dos dedos dando a dimensão aproximada da praga, “que ataca o arrozal de manhã cedo. Os meninos podem ajudar a espantar eles. Aqui todo mundo acorda cedo para espantar os passarinhos, só assim fazemos boa colheita

Nos longos anos em que plantaram arroz no meio do sertão de água, na beira dos pântanos dos marimbus, acordávamos antes que o sol se levantasse no horizontes e seguíamos rumo à roça da fazenda.

Enquanto os adultos trabalhavam, cabia a nós crianças, espantar a praga (VIEIRA JÚNIOR, 2018, p. 42).

Ao longo da narrativa, a obra retrata a resistência dos trabalhadores diante de sua situação precária. Bibiana, uma das protagonistas, decide fugir da fazenda junto com seu primo Severo, buscando melhores condições de vida e trabalho. Juntos, eles iniciam um movimento de sindicalização, visando à luta pelos direitos dos trabalhadores. Essa iniciativa causa divisões entre os mais jovens, que apoiam a causa, e os idosos, que temem a ruptura da paz entre trabalhadores e proprietários.

A expansão das lutas trabalhistas revela a necessidade de uma conscientização coletiva e da organização dos trabalhadores na busca por seus direitos:

Quando Severo viajava para encontra o povo que lhe ensinava, sobre a precariedade do trabalho, sobre o sofrimento do povo do campo [...] (VIEIRA JÚNIOR, 2018, p. 156).

Meu pai não falou o nome de Severo, mas sabia que ele andava de conversa com o povo da fazenda, contando história de sindicato, de direitos, de lei. Estava levando essas conversas para os campos de trabalho. (VIEIRA JÚNIOR, 2018, p. 186).

A obra *Torto Arado* evidencia a falta de reconhecimento e dignidade atribuídos aos trabalhadores da fazenda Água Negra. Zeca Chapéu Grande, pai das protagonistas Belonísia e Bibiana, é retratado como um trabalhador incansável, exercendo múltiplas funções sem receber qualquer remuneração. Representa um exemplo vivo de exploração e falta de valorização do trabalho humano. Além disso, a negação do direito à terra e as dificuldades

enfrentadas para obter acesso à aposentadoria também são retratadas como formas de opressão impostas aos trabalhadores

Meu pai estava envelhecendo, se encurvando com o tempo, os cabelos ficando brancos de forma lenta, mas ainda trabalhava de domingo a domingo. Não falava em parar. Ele e outros trabalhadores pioneiros que chegaram nos primeiros anos a Água Negra estavam se aposentando. Foram orientados por Sutério a requerer o benefício – ele mesmo sem registro de trabalho, confessou -, o que era de muita ajuda e mudava em parte a situação dos moradores. Passaram uma cópia do documento de imposto da terra de mão em mão para que os mais velhos pudessem ter o que nunca tiveram, como se todo tempo de espera e trabalho tivesse sido para este momento derradeiro, quando iriam receber seus parcos recursos no banco da cidade. Era como se, passado tanto tempo trabalhado sem qualquer remuneração, agora entendessem que tinham direito de receber um ordenado todo mês. (VIEIRA JÚNIOR, 2018, p. 154).

Por meio das personagens e do cenário da fazenda Água Negra, o autor evidencia a herança escravista que persiste nas terras brasileiras, perpetuando a exploração e a falta de direitos dos trabalhadores. O trabalho árduo e incessante dos moradores da fazenda, que labutam na terra para obter seu sustento, remete à ideia de uma escravidão à brasileira, na qual a terra é controlada pelos “senhores feudais” e os trabalhadores são subjugados, privados de sua dignidade e explorados sem remuneração adequada. Essa relação entre terra, trabalho e escravidão revela a persistência de estruturas opressivas e a necessidade de lutas e transformações sociais para a conquista de direitos e reconhecimento para os trabalhadores.

Esta terra que cresce mato, que cresce a caatinga, o buriti, o dendê, não é nada sem trabalho. Não vale nada. Pode até valer para essa gente que não trabalha. Que não abre cova, que não sabe semear e colher. Mas para gente como gente a terra só tem valor se tem trabalho. Sem ele a terra não vale nada” (VIEIRA JÚNIOR, 2018, p. 189).

Ao explorar a obra *Torto Arado*, somos confrontados com uma realidade que nos remete à história de séculos passados: a escravidão. Embora a narrativa se desenrole no contexto contemporâneo, as marcas desse sistema opressivo se fazem presentes de maneira sutil, mas impactante. Ao retratar a opressão e a exploração enfrentadas pelos personagens, o autor nos convida a refletir sobre a persistência de estruturas escravistas na sociedade brasileira, mesmo após o fim formal da escravidão. A terra controlada pelos “senhores feudais” e os trabalhadores privados de seus direitos e dignidade ecoam as injustiças de um passado marcado pela violência e desumanização.

Por meio da literatura, *Torto Arado* nos desperta para a necessidade de confrontar essa herança histórica, reconhecendo e enfrentando as desigualdades estruturais que ainda afetam a vida dos trabalhadores. Somente ao encarar de frente às consequências da escravidão e buscar transformações profundas em nossa sociedade, poderemos caminhar rumo a um futuro de verdadeira justiça e liberdade para todos.

### 3 Torto Arado, escravidão e morte social

A vida de ausências das personagens fazia surgir o retrato de um contexto em que a liberdade espelhava escravidão: “Se algo acontecesse a eles, não teríamos direito à casa, nem mesmo à terra onde plantavam sua roça. Não teríamos direito a nada, sairíamos da fazenda carregando nossos poucos pertences.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 83). O retrato do abandono de oportunidades: “Se não pudéssemos trabalhar, seríamos convidados a deixar Água Negra, terra onde toda uma geração de filhos de trabalhadores havia nascido. Aquele sistema de exploração já estava claro para mim.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 41).

Na narrativa, arado penetra entranhas e lacera a carne. “Se esvaía toda a coragem de que tentei me investir para viver naquela terra hostil de sol perene e chuva eventual, de maus-tratos, onde gente morria sem assistência, onde vivíamos como gado, trabalhando sem ter nada em troca, nem mesmo o descanso.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 127). Mas o passar do tempo esclareceu a exploração: “Era como se, passado tanto tempo trabalhando sem qualquer remuneração, agora entendessem que tinham direito a receber um ordenado todo mês.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 155).

As vidas pautadas pelo medo até de existir começaram a cultivar desejos de liberdade que, mesmo sem escravidão, era inacessível: “Os donos já não podiam ter mais escravos, por causa da lei, mas precisavam deles. Então, foi assim que passaram a chamar os escravos de trabalhadores e moradores.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 204).

Para o escritor, a arte se fundamenta na profunda compreensão do mundo vivido. Por isto, escreve um romance conectado de um mundo cheio de contrastes e onde as pessoas são exploradas por meio do trabalho, como destacou em entrevista:

As relações de servidão ainda são muito presentes no campo brasileiro, o resgate de trabalhadores em condição de escravidão ainda é uma constante em nosso cotidiano. Isso remonta ao nosso passado escravagista mal resolvido, que nos legou um racismo estrutural e relações de trabalho muito precárias, principalmente onde o Estado está ausente, a Justiça está ausente — e aí eu falo do campo brasileiro (VIEIRA JÚNIOR, 2023).

Em entrevista ao programa Roda Viva, Vieira Júnior (2023) reforçou: “Escrevo sobre os meus incômodos porque talvez esses incômodos incomodem outras pessoas, para que, nesse jogo de escrita e leitura, nós pensemos um mundo novo, mais humano e capaz de contemplar toda a nossa diversidade.”

Percebe-se como o uso da literatura desvela uma potente forma de se explicar as tessituras existenciais que refletem dores, dissabores, angústias, explorações, agonias de contextos que refletem o passado, mas que ainda pulsam no Brasil profundo.

As relações humanas são fundamentadas no poder, e a escravidão representa o extremo dessa dominação. Na escravidão, os escravos são tratados como propriedades e não mais reconhecidos como seres humanos. A escravidão poderia resultar na morte do indivíduo, seja por leis naturais ou sociais. Na Antiguidade, havia dois tipos principais de escravidão: por guerra e por dívidas, em que os derrotados se tornavam prisioneiros dos vencedores ou os devedores se submetiam aos credores. Patterson (2008) argumenta que o poder possui três dimensões.

A primeira é a face social, que envolve controle e violência física. A segunda é a persuasão psicológica, que distorce as concepções e ideais das pessoas. A terceira é a cultura da autoridade, que implica na validação e aceitação da autoridade pelo conjunto da sociedade. O controle sobre os escravos era mantido por meio de violência física, punições e ameaças de morte em caso de desobediência. A autoridade total do senhor excluía as reivindicações de outras pessoas sobre o escravo, tornando-se uma relação de direito institucionalizada. A opressão era normalizada e aceita pela sociedade, confirmando a legalidade da situação.

Os escravos, ainda em Patterson (2008), eram despersonalizados e considerados “não seres” quando retirados de seu ambiente original e inseridos como propriedades dos senhores. Na maioria das culturas, o escravo era visto como um estrangeiro, alheio à sociedade em que seria inserido, sem direitos e respeito por não compartilhar da mesma cultura. A morte social podia ser classificada como intrusiva ou extrusiva. A escravidão intrusiva introduzia o escravo estrangeiro como um intruso cultural na comunidade, simbolizando a honra e superioridade do povo dominante. A escravidão extrusiva, por sua vez, envolvia a exclusão, desonra e a não pertença do indivíduo que anteriormente fazia parte da cultura, sendo expulso e visto como um objeto.

## 4 Considerações finais

O encontro da literatura com o direito possibilita despertar visões críticas. A narrativa literária permite a proposição de caminhos e discussão de realidades. Como o próprio Itamar Vieira Júnior reforça, a literatura permite a expressão dos fluxos da vida semelhando os contornos da história humana.

O romance *Torto Arado* retrata a representação do trabalho por meio da fazenda Água Negra, destacando o sistema feudalista que perpetua condições de trabalho exploradoras. Os trabalhadores trocam sua mão de obra por um pedaço de terra para viver, sem salários adequados ou proteções trabalhistas. O trabalho infantil também é prevalente, privando as crianças de uma infância plena e acesso à educação. O romance enfatiza a importância do trabalho como um aspecto central da formação da identidade, moldando a vida dos personagens e refletindo o legado duradouro da escravidão na sociedade brasileira.

A obra examina as lutas e resistências enfrentadas pelos personagens diante de condições precárias de trabalho. Bibiana e Severo representam uma iniciativa coletiva de advocacia e organização em prol dos direitos dos trabalhadores. No entanto, seu empreendimento encontra oposição e divisões dentro da comunidade, destacando as complexidades das dinâmicas de poder e o medo entre os trabalhadores.

Além disso, o romance chama a atenção para a falta de reconhecimento e dignidade atribuídos aos trabalhadores da fazenda Água Negra. Personagens como Zeca Chapéu Grande exemplificam o trabalho incansável e não reconhecido realizado por esses indivíduos, expondo a exploração e a desvalorização do trabalho humano. Além disso, a negação do direito à terra e as dificuldades enfrentadas para obter acesso à aposentadoria também são retratadas como formas de opressão impostas aos trabalhadores.

Ao analisar a representação do trabalho em *Torto Arado*, o romance critica as desigualdades persistentes e as injustiças presentes na sociedade brasileira. Ele incita o leitor a confrontar verdades desconfortáveis e a se engajar em uma reflexão coletiva sobre questões prementes de exploração do trabalho e mudança social. Ao entrelaçar direito e literatura, o romance convida a uma reavaliação das práticas laborais e uma reimaginação das estruturas sociais que priorizem o bem-estar e os direitos dos trabalhadores.

Em conclusão, *Torto Arado* ilustra o poder transformador da literatura ao iluminar realidades sociais e lutar por justiça. Ele convoca a uma reexaminação de legados históricos, como a escravidão, que continuam a moldar as dinâmicas laborais contemporâneas. A exploração do trabalho evidenciada pelo romance leva os leitores a questionar e desafiar sistemas opressivos, fomentando diálogo e engajamento crítico com as complexidades do trabalho, poder e justiça social em nossa sociedade. Ao adentrar as profundezas das experiências humanas, *Torto Arado* estimula a reflexão e convoca à ação em direção a um futuro mais equitativo e digno para todos os trabalhadores.

## 5 Referências

CORREIA, R. L. de J.; GAMA, M. R. Os caminhos incertos do “direito e literatura”: perspectivas e potencialidades. *ANAMORPHOSIS. Revista Internacional de Direito e Literatura*, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. e977, 2022. DOI: 10.21119/anamps.8.2.e977. Disponível em: <https://periodicos.rdl.org.br/anamps/article/view/977>. Acesso em: 15 jul. 2023.

FAGUNDES, J. O. A.; PEREIRA, V. A. Torto arado e a perspectiva da segunda pessoa. *Eutomia. Revista de Literatura e Linguística*. p. 60-76. 2022.

FEITOSA, S. Torto Arado. Estamos Diante de um novo clássico da literatura brasileira? *CiênciaAção - Observatório Interdisciplinar de Divulgação Científica e Cultural*, Rio Grande do Sul, v. 2, n. 2, 13 abr. 2021. Disponível em: <https://sites.unipampa.edu.br/cienciacao/2021/04/13/torto-arado-estamos-diante-de-um-novo-classico-da-literatura-brasileira/>. Acesso em: 10 maio 2023.

LEYA. *Prêmio Leya*. Disponível em: <https://www.leya.com/pt/gca/areas-de-atividade/premio-leya/vencedor-2018/>. Acesso em: 10 maio 2023.

MONTEIRO, E. A. Direito e literatura: a metodologia da pesquisa jurídico-literária de François Ost aplicada a O juiz de paz da roça de Martins Pena. 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Acesso em: 30 jun. 2023.

OST, F. *Direito e literatura: os dois lados do espelho*. Entrevistado: Dieter Axt. *Anamorphosis – Revista Internacional de Direito e Literatura*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 249-264, 2017.

PATTERSON, O. *Escravidão e morte social*. São Paulo: Edusp, 2008.

PÊPE, Albano Marcos Bastos. Direito e literatura: uma intersecção possível? Interloquções com o pensamento Waratiano. *ANAMORPHOSIS – Revista Internacional de Direito e Literatura*, v. 2, n. 1, jan./jun., 2016.

SELIGMANN-SILVA, M. Apresentação. In: OLIVO, Luis Carlos. *Dostoiévski e a filosofia do direito: o discurso jurídico dos irmãos Karamázov*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012.

VEIGA, E. *Torto Arado relete passado escravagista mal resolvido*. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/torto-arado-relete-passado-escravagista-mal-resolvido/a-56851069/>. Acesso em: 10 maio 2023.

VIEIRA JÚNIOR, I. *Torto Arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

VIEIRA JÚNIOR, I. Por que literatura? São Paulo Review: Ensaios. Disponível em: <http://saopauloreview.com.br/por-que-a-literatura/>. Acesso em: 10 maio. 2023

WARAT, L. A. *Territórios desconhecidos: a procura surrealista pelos lugares do abandono do sentido e da reconstrução da subjetividade*. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2004.